



Contrariando as estatísticas: um engenheiro e seu caleidoscópio humano

Janaína Tude Sevá*

“Reclamo, logo existo!”.
(Filósofo popular contestatário, AOSF)

Oswaldo Sevá, Professor Sevá, como muitos o conhecem, ou simplesmente Oswaldo, como o chamam na família. Pessoa singular, amável e brutalmente reclamante!

Desde que me entendo por gente, Oswaldo, meu pai, representou a firmeza e disciplina na conduta das relações humanas, exigindo o respeito e também o amor, e ao mesmo tempo a sutileza e a sensibilidade de viver e experimentar a vida e o que ela nos oferece.

Mas é fato que sempre achei meu pai muito diferente dos pais das minhas amigas e amigos da escola! Além de professor, ele frequentava sempre algum sindicato de trabalhadores (além do da própria categoria), inclusive aos fins de semana eram frequentes as “festas” nas chácaras nos arredores de Campinas – “do pessoal do sindicato”. Quando íamos viajar, ele estava sempre a observar, fotografar e por vezes anotar, auxiliado por mapas, alguns dos quais feitos por ele mesmo. E sempre tinha aquele álbum de viagens carregado de fotos de indústrias, buracos de mineração, rio poluído, fumaça preta saindo de chaminé, vazamento de óleo em acidente de caminhão na estrada e, entre umas e outras, as fotos da família de férias!

* Cientista social, pesquisadora, professora e assessora popular.

Isso sem falar nas conversas com as pessoas do lugar, sem maratonas e circuitos turísticos... ao contrário, uma saudação à vida a cada travessia de rio, a cada salto de cachoeira, a cada horizonte na cadeia de montanhas... ao som daquelas fitas cassetes que passávamos semanas gravando do LP para ouvir durante a viagem de carro.

E também tinha um princípio muito rígido, para nós crianças dos anos 1980, em plena capital do interior, à beira da adolescência: ele só nos levava a redes de *fastfoods* uma vez ao ano! Mas convivía bem com o fato de brincarmos com as bonecas da Barbie ou Moranguinho e imitar a Xuxa, ou colecionar bonecos e toda a coleção de Comandos em Ação e “Rambos” da vida! Aliás, exceto pelas lanchonetes e *shoppings* (outra febre dos anos 1980), a preferência dos amigos era ir lá para casa, onde tínhamos livre acesso à rua e às casas dos demais vizinhos, ausência relativa de horário e censura, incentivo à criatividade e à conversa.

Conforme fui crescendo e entendendo um pouco mais da complexidade da vida e das coisas do humano, fui construindo a percepção de que Oswaldo era uma pessoa que apresentava esta ambiguidade razão e paixão também na sua formação e atuação profissional. Acuidade científica e perplexidade sentimental diante da realidade.

Sempre estudei muito Economia, Sociologia, Psicologia, li muito romances e vi muito filme de autores críticos – não somente esquerdistas clássicos, mas libertários, dissidentes – descobri e avancei no Materialismo Histórico, apesar de nunca ter gostado dos comunistas de partido.

Essas características fizeram com que eu demorasse a entender qual era sua profissão e seu trabalho, além da sala de aula, nada convencional. E minhas primeiras lembranças remetem a uma autodefinição enquanto “geógrafo humano”, quando perguntado por mim qual era sua formação.

Formado em Engenharia de Produção, pela Escola Politécnica, já carregava desde a formação secundarista na adolescência e juventude a atuação política de organização coletiva contra instituições, pessoas, ações e ideologias reacionárias e autoritárias desde antes do golpe de 1964. E durante o regime militar, associou ainda mais a sua formação acadêmica e política no sentido de um pensamento livre e de uma atuação profissional voltada para a democratização do país e a crítica da “ditadura capitalista sob tutela militar”.

Ele me ensinou que não “não dá pra ser maniqueísta nem iludido” quanto à realidade e ao uso das técnicas e saberes. Ensinou separar análise de julgamento de valor sobre nossas ações; quando eu fazia algo errado

e dizia: “não é minha culpa”, ele respondia no ato: “não é questão de cartório, nem de igreja!”. Empreendeu então uma atitude crítica diante dos conflitos da vida e neste sentido se fez engenheiro de formação social e humanista.

Mas, mesmo dentro do sistema, devíamos todos ser pelo menos reformistas, humanistas. Afinal, temos que procurar emprego e salário, mas ninguém é obrigado a vender a cabeça e apenas reproduzir a máquina de moer gente e utopias em que isso se transformou.¹

Nas tais viagens de “férias em família” – verdadeiras aulas de geografia humana, história e política (com minha mãe, arquiteta urbanista, especializada em economia política e sociologia do trabalho) –, aprendi que uma mesma cachoeira ou queda d’água tem significados diferentes para as pessoas: para nós, urbanos de classe média, era uma área de lazer e contemplação da natureza; para as pessoas que tinham deixados flores, velas, tecidos e outros apetrechos rituais de religiões afro-brasileiras, era uma espécie de altar e lugar sagrado; para certa tribo indígena, aquela era uma casa ou mundo dos mortos fazendo parte de seu mundo material e espiritual; e para os engenheiros e empresários portadores do discurso do progresso e do desenvolvimento, a cachoeira era vista como uma fonte geradora de energia elétrica e lucro, conseqüentemente.

O aprendizado maior está na compreensão de que a cachoeira é o que ela é (tudo isso e mais alguma coisa, além de sua composição física, digamos assim); mas o que definirá como é vista e apropriada são o poder de cada uma dessas visões sobre as demais e a dominação exercida pelos que assim pensam e agem sobre os demais sujeitos. A materialidade e objetividade das técnicas não diminui a centralidade do imaterial e subjetivo, que torna a análise de sua produção e usos objeto da política e da filosofia. Se as ciências e os saberes científicos têm algo a dizer no sentido de apontarem as falhas “técnicas” e “corrigíveis” pelos procedimentos e estudos de prevenção de riscos à saúde e segurança humana e ambiental, que assim sejam usadas social e justamente. Na sua compreensão, “a engenharia se ocupa de três coisas: 1) consertar as coisas quebradas e defeituosas, 2) fazer ou traduzir projetos de coisas novas ou melhores e 3) fabricar ideologias e retóricas da dominação”.

1. Esta e as demais citações foram retiradas da entrevista publicada no jornal Êêêtecha! do SOLTEC/UFRJ, nº12 de Setembro de 2011.

Neste contexto, Sevá se tornou uma referência por assessorar movimentos sociais populares, de trabalhadores das grandes obras e empreendimentos dos setores energéticos (combustíveis fósseis e renováveis), atuando interdisciplinarmente nas áreas de saúde do trabalhador e conflitos ambientais decorrentes dos projetos e ações desenvolvimentistas; aprimorou juntos às comunidades e povos atingidos metodologias de produção de conhecimento sobre os territórios e os conflitos, instrumentalizando-as em suas lutas por direitos e contra a expropriação de populações e a espoliação da natureza.

Tornou-se uma referência da crítica e da contestação! Da reclamação pelos direitos enquanto direito. Pelo direito de reclamar, e de existir, viva o Oswaldo, viva Sevá!

Cidade de Goiás, 16 de setembro de 2014